



MENSAGEIROS DIVINOS

Ser-nos-á sempre fácil discernir a presença dos mensageiros divinos, ao nosso lado, pela rota do bem a que nos induzam.

Ainda mesmo que tragam consigo o fulgor solar da Vida Celeste, sabem acomodar-se ao nosso singelo degrau nas lides da evolução, ensinando-nos o caminho da Esfera Superior. E ainda mesmo se alteiem a culminâncias sublimes na ciência do Universo, ocultam a própria grandeza para guiar-nos no justo aproveitamento das possibilidades em nossas mãos.

Sem ferir-nos de leve, fazem luz em nossas almas, a fim de que vejamos as chagas de nossas deficiências, de modo a que venhamos saná-las na luta do esforço próprio.

Nunca se prevalecem da verdade para esmagar-nos em nossa condição de espíritos devedores, usando-a simplesmente como remédio doado para enfermos, para que nos ergamos ao nível da redenção, e nem se valem da virtude que adquiriram para condenar as nossas fraquezas, empregando-a tão só na paciência incomensurável em nosso favor, de modo a que a tolerância nos não desampare à frente daqueles que sofrem dificuldades de entendimento maiores que as nossas.

Se nos encontram abatidos e lacerados, jamais nos aconselham qualquer desforço ou lamentação, e, sim, ajudam-nos a esquecer a crueldade e a violência, com força bastante para não cairmos na posição de quem nos insulta ou injuria, e, se nos surpreendem caluniados ou perseguidos, não nos inclinam à revolta ou ao desânimo, mas recompõem as nossas energias desconjuntadas, sustentando-nos na humildade e no serviço com que possamos reajustar o pensamento de quem nos apedreja ou difama.

Erigem-se na estrada por invisível apoio aos nossos desfalecimentos humanos, e aclaram-nos a fé na travessia das dores que fizemos por merecer.

São rosas no espinheiral de nossas imperfeições, perfumando-nos a agressividade com o bálsamo da indulgência, e estrelas que brilham na noite de nossas faltas, acenando-nos com a confiança no esplendor da alvorada nova, para que não chafurdemos o coração no lodo espesso do crime.

E, sobretudo, diante de toda ofensa, levantam-nos a frente para o Justo dos justos que expirou no madeiro, por resistir ao mal em suprema renúncia, entre a glória do amor e a bênção do perdão.

Emmanuel

Do livro: *Religião dos Espíritos*. FEB.
Psicografia: Francisco Cândido Xavier

Estudo: *O Livro dos Espíritos* – Segunda Parte – Cap. IX – “Intervenção dos Espíritos no Mundo Corporal”, questões 499 a 510

ANJOS GUARDIÃES. ESPÍRITOS PROTETORES, FAMILIARES OU SIMPÁTICOS

499. O Espírito protetor está, constantemente, com seu protegido? Não haverá alguma circunstância em que, sem abandoná-lo, ele o perca de vista?

“Há circunstâncias em que a presença do Espírito protetor junto de seu protegido não é necessária.”

500. Haverá um momento em que o Espírito não precise mais de anjo guardião?

“Sim, quando tiver chegado ao grau de poder conduzir-se por si mesmo, como há um momento em que o estudante não precisa mais de mestre; mas isto não acontece na Terra.”

501. Por que a ação dos Espíritos sobre nossa existência é oculta e por que, quando nos protegem, não o fazem de uma forma ostensiva?

“Se contásseis com o apoio deles, não agiríeis por vós mesmos e vosso Espírito não progrediria. Para que ele possa se adiantar, precisa de experiência, e, frequentemente, tem de adquiri-la à sua custa; é preciso que exercite suas forças, sem o que, seria como uma criança que não deixassem caminhar sozinha. A ação dos Espíritos que vos querem bem é sempre regulada de maneira a vos deixar vosso livre-arbítrio, (...)”

505. Os Espíritos protetores que dão nomes conhecidos são sempre, realmente, aqueles das pessoas que usavam esses nomes?

“Não, mas Espíritos que lhes são simpáticos e que, com frequência, vêm por ordem deles. Precisais de nomes; então, eles tomam um que vos inspire confiança. (...)”

506. Quando estivermos na vida espiritual, reconheceremos nosso Espírito protetor?

“Sim, pois, frequentemente, o conheceis antes de estar encarnados.”

507. Os Espíritos protetores pertencem todos à classe dos Espíritos superiores? Dentre eles, podem encontrar-se os medianos? Um pai, por exemplo, pode se tornar o Espírito protetor de seu filho?

“Ele o pode, porém, a proteção pressupõe um certo grau de elevação e um poder ou uma virtude a mais, concedida por Deus. O pai que protege seu filho pode, ele próprio, ser assistido por um Espírito mais elevado.”(...)

509. Os homens, no estado selvagem ou de inferioridade moral, têm, igualmente, seus Espíritos protetores? E, nesse caso, esses Espíritos são de uma ordem tão elevada quanto os dos homens muito adiantados?

“Cada homem tem um Espírito que vela por ele, mas as missões são relativas aos seus objetivos. Não dais a uma criança que está aprendendo a ler, um professor de filosofia. O progresso do Espírito familiar é proporcional ao do Espírito protegido. (...)”

510. Quando o pai que vela por seu filho reencarna, ainda continua velando por ele?

“É mais difícil, mas ele pede, num momento de desligamento, a um espírito simpático para assisti-lo nessa missão. Além disso, os espíritos só aceitam missões que possam cumprir até o fim.

O espírito encarnado, principalmente nos mundos onde a existência é material, está muito subordinado ao seu corpo, para devotar-se inteiramente, isto é, para assisti-lo pessoalmente; é por isso que os que não são bastante elevados são, eles próprios, assistidos por espíritos que lhes são superiores, de tal forma que, se um faltar, por um motivo qualquer, um outro lhe supre a falta.”